

# Culturas limitadas assegurarão o triunfo das novas lavouras de café

Perfeitamente viável a renovação de terras velhas e desgastadas por outras culturas — Mais trabalho e maior despesa, para um resultado compensador e imediato — A praga que resta: «o olho pardo da demagogia política» — Oportunas considerações do adiantado lavrador Gastão Jordão sobre o momento do assunto.

*A Sociedade Rural Brasileira, vicamente empenhada em incentivar a campanha para o aprimoramento do nosso café, vem providendo, em seu auditório, palestras e conferências em que se fazem ouvir as maiores autoridades na obtenção de cafés finos. A campanha de cafés finos, porém, não pode caminhar divorciada da campanha já em andamento em favor da renovação de nossos cafezais. É sabido, e com razão afirmou o sr. Piza Sobrinho, em conferência no Ministério da Fazenda, que existem em São Paulo cerca de 500 milhões de cafeeiros deficitários, que precisam ser eliminados e substituídos por árvores de produção compensadora. E na sua oração de 15 de março último, em sessão solene de posse da nova diretoria da S. R. B., sugeriu o sr. Piza Sobrinho ao poder*

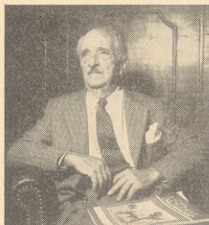
*público medidas adequadas de abertura de crédito para renovação de nosso parque cafeeiro. Precisamos incentivar, por todos os meios possíveis e imagináveis, não só a campanha de cafés finos, mas, também com o mesmo ardor, a recuperação dos nossos cafezais, para a manutenção dessa imensa fonte de divisas, que tem sido a grande força propulsora do progresso, da riqueza e da civilização de nossa terra. Por isso, precisamos difundir, por todos os meios, o processo que a experiência de uns e os ensinamentos aos institutos oficiais indicam para conseguirmos assegurar a vitória final dessa grande jornada focalizada em seus dois aspectos: o aprimoramento do café e a renovação da lavoura cafeeira.*

## RENOVAÇÃO DA LAVOURA CAFEIEIRA

Nada mais certo, portanto, do que procurar trazer para essas colunas as observações, frutos da experiência, de lavradores tradicionais, de há muito empenhados em levar avante tal campanha. Assim, na fazenda Sta. Maria, em Jurupema, distrito de Jaguaritinga, fomos ouvir o sr. Gastão Jordão, antigo lavrador e entusiasta da renovação de nossos cafezais.

Inicialmente, indagamos do sr. Gastão Jordão se considera possível a renovação da lavoura cafeeira em terras velhas e exaustas, uma vez que já não dispomos, no Estado, de terras ainda cobertas de matas, para início de novas lavouras.

— “Confio plenamente. O bafo do sertão, onde pia o macuco é conversa antiga; pertence ao passado. E felizmente para nós. Imaginem; se prevalecesse esse conceito, o que seria de nossa terra nestes 50-60 anos? Como não existem mais terras novas, decorrido esse tempo, que não é nada para a vida do Estado, não teríamos mais produção cafeeira: os cafeeiros novos estariam velhos e os velhos teriam desaparecido. A terra — prossegue — desde que seja de cultura pela sua formação geológica, embora exausta, presta-se perfeitamente para a cultura cafeeira, desde que seja previamente preparada e pereneamente mantida pelos processos racionais indicados pela ciência agrônoma. Aí está Campinas como exemplo frizante. Foi ali que se iniciou a lavoura na zona oeste de S. Paulo. Dali se irradiou há mais de cem anos; e, com o surto impressionante das lavouras nas zonas sertanejas do oeste, Campinas chegou a desaparecer como re-



“O resultado será compensador para quem se dispuser a racionalizar sua cultura”, diz o dr. Gastão Jordão.

gião produtora de café. Agora, como se lhe tivessem batido com a vara mágica, Campinas transfigurou-se e ostenta lavoura nova e exuberante comparável às melhores do Paraná.

## PROCESSO DIFERENTE

“A renovação da lavoura cafeeira é portanto perfeitamente viável nas terras velhas e desgastadas por outras culturas. Mas o processo da plantação em terras velhas — prossegue — é bem diferente daquele usado pelos antigos na zona do sertão, os quais limitavam-se a jogar as sementes na cova, e esperar a germinação. A humidade atmosférica decorrente da evaporação das matas favorecia a formação

rápida dos cafezais sem outra qualquer providência do homem que se limitava a carpir e colher. Hoje, nos tempos que correm, a coisa é outra. É preciso uma técnica especial para plantar café. Muita gente usa ainda a distribuição das sementes diretamente na cova; processo errado, de resultado quase sempre decepcionante. Sim, porque, apenas germinadas as sementes, pode ocorrer uma longa estiagem — o que é comum em nossos tempos — e as platinhas ainda tenras perecem ou são devoradas pelos grilos famintos que povoam os nossos campos. Daí o desânimo do lavrador e as suas lamentações: coça a cabeça e exclama: “Qual, a coisa não vai mesmo, lavoura de café, só se forma onde pia o macuco”. É que ele se acha ainda apegado ao primitivismo de cem anos atrás. Mas é preciso evoluir e adaptar-se às injunções de nossa época. Nas plantações em terras velhas e no regime atual das prolongadas estiagens, o processo é outro e demanda uma série de providências: preliminarmente instalação de viveiro. Escolha de semente de boa origem, laminados para mudas, regas diárias de combate às pragas. As mudas desenvolvem no viveiro, sadias, vigorosas, em perfeitas condições de viabilidade. E levadas para o lugar definitivo, suportam prolongadas estiagens, resistem às pragas e se desenvolvem de maneira uniforme, formando um cafezal idêntico ao das terras novas.

## RESULTADO COMPENSADOR E IMEDIATO

“Esse processo, — acrescentou — demanda maior trabalho e grandes despesas.